

Sergio Augusto Ribeiro

25.01.2008

Tive vários encontros com Bulhões Pedreira ao longo da vida, mas acho que posso resumi-los a três momentos principais. O primeiro deles, talvez o mais marcante para mim teve início no ano de 1965. Eu ainda era economista da SUMOC (Superintendência da Moeda e do Crédito) e, por solicitação do então Ministro da Fazenda do governo Castello Branco, Dr. Octavio Gouveia de Bulhões, vinha trocando idéias sobre a recém aprovada Lei das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional (ORTNs), elaborada por Mario Henrique Simonsen e Bulhões Pedreira. Esta lei tinha como objetivo principal recuperar a dívida pública existente na época, cujos títulos não estavam sendo resgatados, além de não sofrerem correção monetária. Dois dias após estas conversas preliminares, para minha surpresa, fui nomeado pelo Ministro Bulhões Diretor Superintendente da Caixa de Amortização -- mais tarde absorvido pelo Banco Central -- com a incumbência de fazer o lançamento deste novo título – ORTN – em prazo curtíssimo! Era uma função de muita responsabilidade, pois o sucesso deste lançamento era fundamental no plano geral de recuperação financeira do país. Pedi então ao Ministro Bulhões que me colocasse em contato com um dos elaboradores da Lei das ORTNs, a fim de que nada de seu espírito renovador se perdesse na regulamentação. O Ministro foi taxativo: “Fale com o Bulhões Pedreira!”. Telefonei, me apresentando no novo cargo e pedindo sua colaboração na feitura urgente da regulamentação. Ao perguntar quando poderia ser nossa primeira reunião, ele, para meu espanto, prontamente respondeu: “Amanhã, às 15:00 horas!”. Fiquei impressionado com o seu interesse e disponibilidade, afinal tinha acabado de me apresentar.

No dia seguinte, pontualmente às 15:00 horas, entrou na sala Bulhões Pedreira. Seu porte já me impressionou de saída. Estava extremamente elegante de chapéu e sobretudo, naquela tarde chuvosa carioca. Alinhavamos algumas ideias e ficamos de nos encontrar dali a três dias. Lembro-me de ter chegado em casa naquele dia e ter comentado com minha mulher: “Hoje conheci um homem de inteligência excepcional” Isto porque Bulhões Pedreira, além de esplêndido advogado, tinha conhecimento profundo de economia e finanças. Em nossa segunda reunião, havia representantes do Banco do Brasil, Banco Central e Ministério da Fazenda, assim como da

própria Caixa de Amortização – todos altamente qualificados. Ao longo de uma extensa e cansativa reunião, apareceram inúmeras contribuições importantes, que certamente melhorariam o sistema das ORTNs. Em dado momento, declarou Bulhões Pedreira: “Senhores, são muitas ideias interessantes: acho que alguém deveria fazer um resumo delas, para que não se percam”. Caiu sobre a sala um silêncio sepulcral, a tarefa era gigantesca... Mais eis que o próprio Bulhões Pedreira, depois de um certo suspense nosso, , sugeriu, com simplicidade: “Eu mesmo posso fazer o resumo, se ninguém tiver nada contra”. Foi um alívio geral! Percebi então que Bulhões Pedreira era um homem tremendamente positivo, e isto só fez se confirmar ao longo do nosso conhecimento. Pois marcamos uma reunião para dois dias depois e lá estava o nosso amigo com o tal resumo feito com perfeição, com a datilografia de sua eficiente secretária Yeda. Aprendi, nesta época, a conhecer o estilo de documento apresentado por Bulhões Pedreira, pois estes eram sempre impecavelmente redigidos e, no caso, cobrindo todos os aspectos econômicos e jurídicos. Este primeiro documento já era um resumo da regulamentação das Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional, resumo este que foi integralmente aprovado pela comissão e, mais tarde, pelo Ministro Bulhões. Ao que me parece consta esta regulamentação, feita em 1965, vigora até os dias de hoje.

Após o bem sucedido lançamento das ORTNs, meu contato com Bulhões Pedreira reduziu-se substancialmente. Já em 1968, teve início o segundo momento de nosso relacionamento, quando aceitei o convite para trabalhar como um dos vice-presidentes do recém fundado Banco de Investimento do Brasil (BIB), que viria, mais tarde, liderar a formação do Unibanco (União de Bancos Brasileiros). Bulhões Pedreira, neste período, era conselheiro do BIB e advogado do De. Walther Moreira Salles, um dos controladores do banco. É importante lembrar que o BIB foi um banco de investimentos pioneiro que, na época, pautou padrões de conduta no mercado de capitais. Além disso, era uma instituição de ponta, liderando lançamentos de valores mobiliários, operações internacionais e abertura de capitais.

A atuação de Bulhões Pedreira como conselheiro foi absolutamente preciosa para o desenvolvimento do banco. Éramos então uma equipe de executivos, da qual, além de mim, faziam parte: Gabriel Jorge Ferreira, Israel Vainboim, Marcílio Marques Moreira, Roberto Bornhausen, Roberto Texeira da Costa, Thomas Zinner e Tomaz Saraiva. Deste grupo, tivemos reuniões formais com Dr. Walther Moreira Salles coordenadas por Bulhões Pedreira e

outras reuniões nas quais tratávamos assuntos específicos. Lembro-me de uma especial, em que tratamos de incorporações de instituições financeiras e respectivos fundos de investimentos. Nesta reunião, tivemos, Gabriel e eu, o privilégio de conhecer uma nova faceta de Bulhões Pedreira. Como esta reunião, muito prolongada, foi na residência dele, jantamos lá juntos para prosseguir noite adentro, tendo sempre a assistência gentil de sua mulher, Tharcema. Para restaurar nossas forças, realizamos intervalos estratégicos, durante os quais Bulhões Pedreira nos brindou com gravações de Ella Fitzgerald, Cole Porter, Oscar Peterson e Frank Sinatra. O fundo musical foi componente importante nesta reunião, na qual foi elaborado um documento que, aprovado pelo Banco Central, oficializou a posição do banco como o maior administrador de fundos do País e, provavelmente, da América Latina.

Mas teríamos uma oportunidade ainda melhor de os deleitarmos com o jazz. Isto porque, pouco depois, Bulhões Pedreira convidou minha mulher e eu e mais um casal de amigos para assistirmos Ella Fitzgerald com seu conjunto, liderado pelo excelente pianista Tommy Flanagan, no Teatro Municipal do Rio, um show verdadeiramente memorável. Mas a coisa não ficou só por aí, pois logo depois do show, fomos ao Number One em Ipanema, boate muito conhecida na época, para tomarmos uns *drinks*, enquanto ouvíamos o conhecido pianista Osmar Milito com seu trio, tocando um repertório de jóias da bossa-nova. Lá pelas tantas, irromperam pela boate a própria Ella Fitzgerald e seu conjunto para assistir o Milito e, no intervalo, subiram ao palco para uma “canja” inesquecível! Lembro-me até hoje do prazer de Bulhões Pedreira, praticamente debruçado sobre o piano, ouvindo aqueles verdadeiros gigantes da música americana.

Deste modo, chego finalmente àquele que classifico como terceiro momento do meu relacionamento com Bulhões Pedreira, momento este que se deu quando ocupei o cargo de Diretor de Mercado de Capitais do Banco Central do Brasil, durante o Governo Geisel. Naquele período, era Ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen e Presidente do Banco Central, Paulo Pereira Lyra. Na época, Bulhões Pedreira começava a redigir a lei criando a Comissão de Valores Mobiliários, de grande importância na organização e disciplina do mercado de capitais brasileiro. O Banco Central lutava, então, bravamente pela sobrevivência e fortalecimento do mercado de capitais brasileiro, luta esta muitas vezes passava pela ajuda às financeiras, devido a dificuldades de liquidez. Por algum mal entendido quanto aos procedimentos do banco ou mesmo talvez diante de alguns boatos, Bulhões Pedreira

escreveu um artigo forte contra o Banco Central, crítica esta voltada em especial à política relativa ao mercado de capitais, ou seja, à minha área de atuação. Embora tenha ficado magoado na época, entendi que Bulhões Pedreira, por não estar conosco no governo, não podia ter ideia da real dimensão dos problemas que enfrentávamos na época. Um pouco mais tarde, ao vir a saber da minha reação, foi capaz de escrever uma belíssima carta, na qual explicava seu papel e sua necessidade, enquanto profissional liberal, de manter independência frente ao governo. Mais uma vez, um documento primoroso que só poderia sair de um homem de postura ética inatacável como ele. Tomo a liberdade de reproduzir abaixo um trecho desta carta, datada de 8 de março de 1976: *“Tenho dedicado bastante tempo gratuitamente, nos últimos 12 anos, procurando contribuir para que se tornasse realidade o desenvolvimento do mercado de capitais no Brasil. Considero a existência desse mercado essencial à manutenção de um mínimo de relevância do setor privado no Brasil, o que, por sua vez, condiciona a viabilidade de um sistema político liberal-democrático em que acredito (...). Manifestei-me porque considerei que era meu dever cívico fazê-lo, já que estava convencido da importância do assunto para as instituições do País. Principalmente porque a dependência do Governo em que se encontram todos os empresários brasileiros faz com que somente um profissional liberal possa se aventurar, no quadro atual do País, a discutir publicamente, ainda que sem outra motivação que o interesse geral, o desempenho de órgãos do governo”.*

Mas deixando de lado estas diferenças, já há muito superadas, e voltando ao nosso amor comum à música americana, meu último encontro com Bulhões Pedreira, mais de vinte anos depois, teve também um sabor musical. Fomos por ele convidados, Vera e eu, assim como Bárbara e Piva, seu associado no escritório, para um almoço em Petrópolis, na antiga casa de seus pais, que comprara recentemente de terceiros. Bulhões Pedreira, extremamente feliz com a casa, que reformara amplamente, nos levou a um *tour* por suas dependências, acompanhado por Tharcema. Em plena febre do MP3, ele, juntamente com o Piva, tinha gravado para a ocasião mais de três horas de jazz, boa parte delas dedicadas à sua cantora preferida – é claro, Ella Fitzgerald. Até hoje me lembro da alegria dele neste almoço, de sua gargalhada característica, de seu enorme prazer em receber os amigos.

Com sua morte, algum tempo depois, ficou uma grande saudade, pois ele soube aliar sua extrema competência profissional a uma grande

generosidade. Sentia, por exemplo, necessidade de transmitir seus conhecimentos às novas gerações e, com este intuito, mesmo com a agenda atribuladíssima, oferecia grupos de estudo para jovens e talentosos advogados em seu próprio escritório. A verdade é que Bulhões Pedreira, com esta rara soma de qualidades, deixou sua marca não só na minha, como também na vida de inúmeros amigos e admiradores.

Esclarecimento: o papel da manifestação de Sergio Ribeiro, que contribuiu para que os coautores elaborarem o livro “José Luiz Bulhões Pedreira – A invenção do estado moderno brasileiro”, teve que ser datilografado devido ao seu estado de conservação.